

PORTUGUÊS

Português – Questão 01

Leia este texto:

Ilha das Flores

Estamos em Belém Novo, município de Porto Alegre, no extremo sul do Brasil. Mais precisamente, na latitude 30 graus, 12 minutos, 20 segundos sul, e longitude 51 graus, 11 minutos e 23 segundos oeste.

Caminhamos, neste momento, numa plantação de tomates e podemos ver à frente, em pé, um ser humano, no caso, um japonês.

Os japoneses se distinguem dos demais seres humanos pelo formato dos olhos, por seus cabelos pretos e por seus nomes característicos. O japonês em questão chama-se Suzuki.

Os seres humanos são animais mamíferos, bípedes, e se distinguem dos outros mamíferos, como a baleia, ou bípedes, como a galinha, principalmente por duas características: o telencéfalo altamente desenvolvido e o polegar opositor. O telencéfalo altamente desenvolvido permite aos seres humanos armazenar informações, relacioná-las, processá-las e entendê-las. O polegar opositor permite aos seres humanos o movimento de pinça dos dedos, o que, por sua vez, permite a manipulação de precisão.

O telencéfalo altamente desenvolvido, combinado com a capacidade de fazer o movimento de pinça com os dedos, deu ao ser humano a possibilidade de realizar um sem número de melhoramentos em seu planeta, entre eles... cultivar tomates.

O tomate, ao contrário da baleia, da galinha e dos japoneses, é um vegetal. Fruto do tomateiro, o tomate passou a ser cultivado pelas suas qualidades alimentícias a partir de 1800. O planeta Terra produz cerca de 61 000 000 de toneladas de tomate por ano. O senhor Suzuki, apesar de trabalhar cerca de 12 horas por dia, é responsável por uma parte muito pequena desta produção. A utilidade principal do tomate é a alimentação dos seres humanos. O senhor Suzuki é um japonês e, portanto, um ser humano. No entanto, o senhor Suzuki não planta tomates com a intenção de comê-los. Quase todos os tomates produzidos pelo senhor Suzuki são entregues ao supermercado em troca de dinheiro.

O dinheiro foi criado, provavelmente, por iniciativa de Gíges, rei da Lígia, grande reino da Ásia menor, do séc. VII antes de Cristo. Cristo era um judeu. Os judeus possuem um telencéfalo altamente desenvolvido e um polegar opositor. São, portanto, seres humanos.

Até a criação do dinheiro, a economia se baseava na troca direta. A dificuldade de se avaliar a quantidade de tomates equivalentes a uma galinha, e os problemas de uma troca direta de galinhas por baleias foi um dos fatores principais para a criação do dinheiro. A partir do século III antes de Cristo, qualquer ação ou objeto produzido pelos seres humanos, fruto da conjugação de esforços do telencéfalo altamente desenvolvido com o polegar opositor, assim como todas as coisas vivas ou não vivas sob, sobre a Terra, tomates e galinhas e baleias podem ser trocados por dinheiro.

Para facilitar a troca de tomates por dinheiro, os seres humanos criaram os supermercados...

FONTE: Texto transcrito do curta-metragem "Ilha das Flores". Direção e roteiro de Jorge Furtado, 1989.

REDIJA um texto, descrevendo o processo de encadeamento das ideias na composição desse trecho de "Ilha das Flores".

RESOLUÇÃO:

Para descrever o processo de encadeamento de ideias presente no texto "Ilha das flores", o aluno precisaria explicitar os elementos responsáveis pela coesão do texto. O aluno poderia mencionar, por exemplo, a coesão referencial, na qual elementos do texto são retomados por expressões que lhe equivalem em sentido ou por pronomes:

- Em "Os japoneses se distinguem dos demais seres humanos pelo formato dos olhos, por seus cabelos pretos e por seus nomes", o pronome seus remete a japoneses;
- Em "...armazenar informações, relacioná-las, processá-las e entendê-las.", o pronome las retoma informações.

Era possível ainda mencionar a coesão das ideias, estabelecida por meio de relações de sentido alcançadas através de conectivos: em "senhor Suzuki é um japonês e, portanto, um ser humano. No entanto, o senhor Suzuki não planta tomates com a intenção de comê-los.", percebemos a relação de conclusão promovida pela conjunção portanto e a ideia de oposição estabelecida por *no entanto*. Concordância e regência também poderiam ser citados como recursos coesivos. No plano das ideias, destaca-se o silogismo.

Português – Questão 02

Leia este texto:

Por que não se lê poesia?

Há o julgamento informal de que poesia é perda de tempo. Tendo lançado até agora dois livros, não cheguei ao ponto de receber os pêsames, mas não falta muito para isso. Até porque o poeta é identificado como um defunto comercial e nunca será de bom tom dar as condolências ao próprio falecido. Mas, afinal, por que todo esse preconceito quando o assunto é poesia?

A resposta mais fácil estaria na baixíssima taxa de compra de livros no Brasil. O índice é de 0,8 livro não-didático por habitante/ano. Como ninguém leva um livro pela metade, não se chega a adquirir um volume inteiro.

Esses dados seriam suficientes para indicar que o brasileiro não gosta de poesia. Será? O curioso é que boa parte das pessoas costuma iniciar-se na literatura por meio da poesia, seja em cartas, seja em cantadas extraliterárias para conquistar alguém. Mas o adolescente que se empenha em comover seu par é o mesmo que acha difícil a interpretação poética. Esse é o paradoxo: os poemas são considerados fáceis de fazer e complicados de ler. Como isso? Para muitos jovens, ainda vigora uma ideia romântica de criação. Poesia é pura inspiração, acessório para colocar em cabeçalhos de agenda. Faz parte do kit básico de sedução, ao lado das flores e do ursinho de pelúcia dado para a namorada.

Por que poesia virou mercadoria que todo mundo tem para vender, mas ninguém quer comprar? Como foi que os leitores perderam o interesse pela poesia? Desconfio que a resposta esteja no fato de que os próprios poetas tenham perdido o interesse pelos leitores. A poesia como um exercício de linguagem, fria, escrita para agradar os professores de semiótica, torna-a cada vez mais distante do interesse dos leitores.

Não é à toa que foi na melhor MPB que os jovens continuaram procurando versos que não encontram na chamada poesia contemporânea. Fora daí, ela passou a ser encarada de duas formas: a sentimentalista, à base de trocadilhos fracos, ou a acadêmica, difícil, culta, que atende a interesses universitários e não chega aos ouvidos da gente. Para sair desse impasse, talvez seja a hora de os poetas voltarem a contar histórias. É preciso fugir da armadilha que impõe que a boa poesia seja um exercício de linguagem e que qualquer poeta disposto a narrar a vida das pessoas seja etiquetado como menor. Não foi o público de poesia que desapareceu, como querem alguns teóricos da literatura.

O que desapareceu foi a poesia em contato com a vida das pessoas. Talvez ela esteja adormecida, esperando que alguém traga de volta o simples prazer de ler um poema.

CARPINEJAR, Fabrício. SUPER INTERESSANTE, jan. 2002. Ideias que desafiam o senso comum. p. 98. (Texto adaptado)

Com base nessa leitura, **REDIJA** um texto, contestando as ideias do autor.

Resolução:

O aluno deveria redigir um texto contestando as ideias de Fabrício Carpinejar, que dizem respeito, basicamente, ao desprestígio da poesia na contemporaneidade. O aluno poderia alegar que os dados apresentados pelo autor não são suficientes para comprovar que as pessoas não leem poesia, já que ele toma como referência o baixo número de livros vendidos e que hoje é possível encontrar poesia em outros suportes: Internet, revista, etc. Era possível ainda sugerir que a poesia desvalorizada de que trata o autor se refere a um tipo específico de poesia, a que ele chama de culta, ou acadêmica. Considerando poesia como um conceito amplo, não se pode dizer que as pessoas sejam indiferentes à poesia, já que elas continuam, como o próprio autor sugeriu, adeptas da MPB.

Português – Questão 03

Leia o texto e o verbete que se seguem:

TEXTO

Trágico Acidente de Leitura

Tão comodamente que estava lendo, como quem viaja num raio de lua, num tapete mágico, num trenó, num sonho. Nem lia; deslizava. Quando de súbito a terrível palavra apareceu, apareceu e ficou, plantada ali diante de mim, focando-me: ABSCÔNDRITO. Que momento passei!... O momento de imobilidade e apreensão de quando o fotógrafo se posta atrás da máquina, envolvidos os dois no mesmo pano reto, como um duplo monstro misterioso e corcunda...

O terrível silêncio do condenado ante o pelotão de fuzilamento, quando os soldados dormem na pontaria e o capitão vai gritar: Fogo!

QUINTANA, M. Antologia poética. São Paulo: Ediouro, 1995. p.39.

VERBETE

“**abscôndito** [...] Do latim *absconditus*, a, um, ‘escondido, invisível, secreto’, part. pas. do verbo *abscondere* ‘esconder, ocultar, perder de vista’.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro Salles, FRANCO, Francisco M. de Melo. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 29. (Fragmento)

REDIJA um texto, justificando o título “Trágico Acidente de Leitura”, utilizando, para isso, informações do verbete.

RESOLUÇÃO:

O trágico acidente de leitura a que se refere o título do texto de Quintana remete ao fato de o narrador ter tido que interromper a fluência de sua leitura em função de ter se deparado com uma palavra cujo significado ele desconhecia. Ironicamente a tal palavra – “abscôndito” – significa “oculto”, “secreto”, “escondido”, características aplicáveis à própria palavra na perspectiva do narrador, uma vez que, para ele, o significado da palavra “abscôndito” era desconhecido, portanto, oculto.

Português – Questão 04

Leia o fragmento 6 do poema de José Paulo Paes e o poema de Aníbal Machado.

À minha perna esquerda

6

esquerda direita

esquerda direita

direita

direita

Nenhuma perna

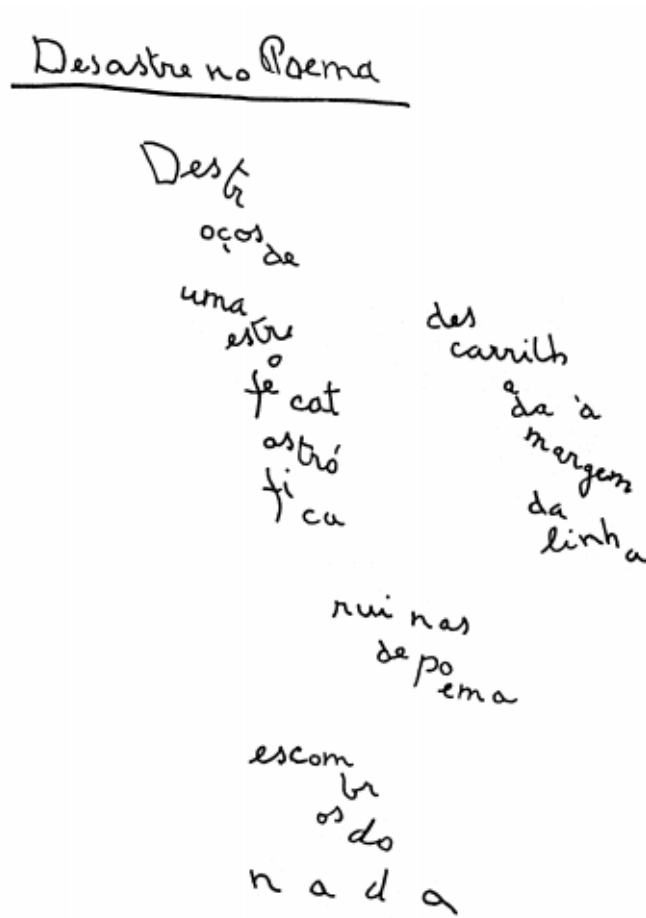
é eterna.

Em ambos os casos, faz-se uso do espaço branco da página para obter certo efeito.

PAES, José Paulo. *Prosas seguidas*

de odes mínimas. São Paulo:

Companhia das Letras, 2001. p. 58.



MACHADO, Aníbal M. *Cadernos de João*.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

p. 140.

Em ambos os casos, faz-se uso do espaço branco da página para obter certo efeito.

REDIJA um texto, explicando o efeito obtido em cada um deles.

RESOLUÇÃO:

“Ode à minha perna esquerda” – o ritmo anafórico dos primeiros versos é formado para representar o cotidiano da vida do poeta enquanto ele possuía as suas duas pernas: a esquerda e a direita. Entretanto, após ter a perna esquerda amputada, o ritmo do texto quebra-se, assim como a própria rotina do autor. A partir do terceiro verso, há apenas a presença da perna direita que, “manca”, deixa nítida a falta da esquerda. O espaço em branco deixado pelo autor está, portanto, pleno de significação. Melhor que palavras, a ausência delas disse muito mais sobre a falta e o vazio da perna amputada. O corpo do poema aparece mutilado, espelhando, visualmente, o próprio corpo físico do autor.

“Desastre no poema” – O uso do espaço em branco do poema é feito de modo a reproduzir o seu conteúdo. A fragmentação das estrofes, a separação aleatória das sílabas, a dispersão das palavras pela página, a estrofe descarrilada à esquerda sugerem o “desastre” ocorrido no poema.

Português – Questão 05

A partir da leitura de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e de *Os ratos*, de Dyonelio Machado, **REDIJA** um texto, explicando por que a dificuldade de expressão linguística de Fabiano e Naziazeno, o seu quase mutismo, contribui para caracterizá-los como indivíduos oprimidos pelo sistema social em que se inserem.

RESOLUÇÃO:



Português – Questão 06

Leia esta estrofe, atentando para os segmentos nela destacados:

Que o pólen de ouro dos mais finos astros
Fecunde e inflame a rima clara e ardente...

Que brilho a correção dos alabastros

Sonoramente, luminosamente.

CRUZ e SOUSA. Missal e Broquéis. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 138.

Com base nessa leitura, **REDIJA** um texto, identificando o recurso poético que resulta da associação dos segmentos destacados e explicando em que consiste tal recurso.

RESOLUÇÃO:

A questão exigia que o candidato identificasse e explicasse um recurso presente no poema, no caso uma figura de linguagem. O recurso que resulta da associação dos termos destacados é a sinestesia. A sinestesia é uma figura de linguagem que consiste na aproximação de sentidos sensoriais diversos, como o olfato e a visão, o paladar e a audição, etc. No caso do poema de Cruz e Souza, há a aproximação entre o sentido da visão – sugerido pelo vocábulo “brilhem”– e o da audição, expresso no termo “sonoramente”. A sinestesia é uma figura de linguagem recorrente no Simbolismo, como atesta o exemplo extraído da obra de Cruz e Souza.